



# A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português

**Mariangela Rios de Oliveira**

Universidade Federal Fluminense, CNPq/Faperj

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

[mariangelarios@id.uff.br](mailto:mariangelarios@id.uff.br)

**Vania Rosana Mattos Sambrana**

Universidade Federal Fluminense

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0593-4262>

[vania28mattos@gmail.com](mailto:vania28mattos@gmail.com)

## RESUMO

O artigo defende a complementaridade de dois pressupostos teóricos funcionalistas para o estudo da mudança linguística que deriva na formação de marcadores discursivos de base verbal *ver* no português, como em *vejamos* e *veja lá*. Assumimos que gramaticalização (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991) e construcionalização gramatical (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014) podem ser compatibilizados, para a descrição e a análise desses constituintes, como proposto em Traugott (2021), a partir dos contextos de uso desses elementos (DIEWALD e SMIRNOVA, 2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização; Construcionalização; Marcador discursivo; Mudança linguística; Verbo *Ver*.

## The complementarity of grammaticalization and constructionalization for research on the formation of discourse markers in Portuguese

### ABSTRACT

The article defends the complementarity of two functionalist theoretical assumptions for the study of linguistic change that derives from the formation of verbally based discourse markers *ver* (*see*) in Portuguese, as in *vejamos* and *veja lá*. We assume that grammaticalization (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991) and grammatical constructionalization (TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014) can be made compatible for the description and analysis of these constituents, as proposed in Traugott (2021), from the contexts of use of these elements (DIEWALD and SMIRNOVA, 2012).

**KEYWORDS:** Grammaticalization; Constructionalization; Discursive marker; Language change; Verb *Ver*.



## 1. Introdução

Neste artigo, descrevemos e analisamos o surgimento e o papel dos marcadores discursivos (MD) formados pela base verbal *ver* e uma subparte opcional, como as partículas *lá*, *bem* ou *só*, na língua portuguesa. Em termos construcionais, tais elementos pragmáticos podem ser agrupados virtualmente sob um mesmo esquema, que denominamos de construção marcadora discursiva de visualização virtual (MDVV), construcionalmente referida como  $[Ver (X_{afixoide})]_{MDVV}$ . Nessa codificação, os colchetes indicam o pareamento de V, base visual preenchida por *ver*, considerada como parte nuclear e fixa da construção, e  $X_{afixoide}$  como subparte opcional, um *slot*<sup>1</sup> passível de preenchimento.

A investigação tem como base o aparato teórico funcionalista, na linha de Bybee (2010; 2015) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Nossos objetos de pesquisa se configuram como um grupo de constituintes que podem atuar em formações mais simples, como em (1), ou mais complexas, como em (2), neste segundo caso, acompanhados por termos de orientação espacial (*lá*) ou focal (*só*, *bem*):

- (1) Estas razões pondera, **vê**, Senhora, Que se o Povo uma vez sacode o jugo, É um tigre feroz, que se não doma Sem as iras fartar em sangue humano. (Corpus Vercial, Teatro, Domingos dos Reis, 1766, XVIII)
- (2) ... mas se de todo jeito ... se o sistema é esse de que cinco ou sete são as melhores notas do ensino público ... é como é que chama? e de oito a dez são as melhores médias do ensino particular ... acho que deve se dar chance a essas pessoas ... mas só que ... **veja só** ... o ensino público é muito mais escolas ... então há uma cultura e tudo ... então ... você tem que formar primeiro a base para melhorar estado ... município ... e instituto federal ... escolas federais ... (D&G, Natal, relato de opinião, inf. 1, XX)

As instâncias de uso destacadas nos fragmentos (1) e (2) explicitam a macrofunção de chamamento de atenção, que é própria da subclasse de MD aqui analisada. A constatação, nesses usos, da autonomia sintática, do relevo fonológico e do direcionamento para funções discursivas que orientam a interação, propriedades definidoras dos MD, conforme Heine et al. (2019), ratificam seu pertencimento à classe referida. Em (1), por estratégias inferenciais e intersubjetivas, o MD *vê* concorre para o sentido de urgência articulado numa sequência na qual, em discurso direto, o locutor expressa aconselhamento. No fragmento (2), o MD *veja só* estreita o foco na informação sobre o *ensino público*, conduzindo a interpretação do ouvinte no convite ao partilhamento do seu ponto de vista.

Assumimos aqui que, na pesquisa funcionalista acerca da convencionalização dos MDVV, as mudanças envolvidas podem ser abordadas sob dois vieses, correspondentes a duas abordagens mais específicas. Consideramos, como Traugott (2021), que tais vieses, embora distintos,

<sup>1</sup> Assim é nomeada a parte aberta de uma construção, que pode ser preenchida por constituintes distintos, na demonstração do alto nível de esquematicidade construcional.

podem ser tomados complementarmente. Assim, na perspectiva do Funcionalismo clássico<sup>2</sup> de vertente norte-americana, com base em Givón (1979) e Hopper (1991), entre outros, podemos dizer que os constituintes destacados em (1) e (2) ilustram o processo de gramaticalização, no qual itens lexicais (como o verbo *ver*) ou itens menos lexicais (como o advérbio *só*) se tornam gramaticais, ou ainda mais gramaticais, constituindo-se em novos membros paradigmáticos da língua. De outra parte, conforme a Linguística Funcional Centrada no Uso<sup>3</sup> (doravante LFCU), nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, os MD *vê* e *olha só* são interpretados como instâncias de construção gramatical, entendida esta como pareamento convencionalizado de conteúdo e forma, forjada na língua via mudanças mais localizadas que derivam na fixação de um novo membro na rede linguística, numa construcionalização.

Consideramos que o ponto comum a ambas as perspectivas funcionalistas referidas, e que nos permite abordá-las complementarmente, é a relevância dos contextos de uso como lócus da mudança linguística, como destacado em Diewald e Smirnova (2012) e em Heine et al. (2016). De acordo com tal consideração, na trajetória da língua, certos ambientes contextuais motivam ambiguidades, tanto no nível semântico quanto no nível sintático, que concorrem, sob forma de micropassos, para a mudança categorial.

No caso específico dos MD aqui estudados, detectamos o desenvolvimento de conteúdos lexicais, ou menos gramaticais, para outros mais gramaticais, envolvendo a metaforização dos verbos visuais e sua fixação colocacional na linearidade sintagmática. Nesses contextos mais gramaticais que caminham para ganho de sentidos procedurais<sup>4</sup>, observamos a irreversibilidade da mudança linguística em estágios progressivos.

Para testarmos nossas hipóteses e atingirmos os objetivos aqui referidos, adotamos procedimentos metodológicos que contemplam levantamento quantitativo combinado a apreciação qualitativa dos *tokens* selecionados, conforme proposta de Martelotta (2009) para a pesquisa funcionalista. Tal metodologia é nomeada por Cunha Lacerda (2016) como *método misto*. Em perspectiva histórica, na detecção do *cline* contextual de mudança linguística que deriva nos MD aqui estudados, adotamos a taxonomia de Diewald e Smirnova (2012), refinada em Diewald (2020) e ilustrada em Sambrana (2021).

Como *corpora*, utilizamos bancos de dados extraídos de mídia digital. As fontes pesquisadas foram selecionadas: do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G); do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); do *Corpus* do Português (CP); do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB); do *Corpus* Vercial/Linguatca (VC); e do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). Procedemos ao levantamento exaustivo de *tokens* do verbo *ver*, acompanhados ou

<sup>2</sup> De acordo com Rosário e Oliveira (2016), a fase clássica do Funcionalismo norte-americano corresponde aos estudos voltados para a gramaticalização de itens específicos, iniciados nas últimas décadas do século XX.

<sup>3</sup> Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), esse rótulo se refere ao Funcionalismo norte-americano que passa a incorporar, a partir do século XXI, a abordagem construcional da gramática, na linha de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), por exemplo. A LFCU, termo adotado no Brasil, corresponde a *Usage-Based Linguistics*.

<sup>4</sup> Segundo Traugott e Trousdale (2013), sentidos procedurais são aqueles que se distinguem dos sentidos lexicais prototípicos, uma vez que são mais abstratos, (inter)subjetivos ou textual-discursivos.

não de *lá*, *bem* ou *só*<sup>5</sup>, em cinco sincronias do português (do século XVI ao século XX), chegando a 4.732 contextos de uso para análise.

Este artigo se organiza em torno de três seções mais amplas. Na primeira, voltamos para o tratamento da mudança linguística em perspectiva funcionalista, no destaque para o viés da gramaticalização e para o da construcionalização gramatical, evidenciando o que ambas as abordagens têm em comum. Na segunda seção, apresentamos e analisamos o *cline* contextual de mudança linguística que, na trajetória do português, conduz à convencionalização de novos membros da classe dos MDVV. Na terceira seção, discutimos os resultados obtidos à luz do arcabouço teórico da gramaticalização e da construcionalização gramatical, na defesa de que o processo de mudança de MD em pesquisa pode ser interpretado a partir da complementaridade de ambas as perspectivas funcionalistas. Por fim, tecemos nossas considerações finais, destacando a bem-vinda articulação de pressupostos teóricos funcionalistas, seja em termos clássicos, seja no contexto da LFCU, na pesquisa do que é mais caro a essa corrente teórica, o uso linguístico, como assumido em Rosário e Oliveira (2021).

## 2. Funcionalismo e mudança linguística

A marca geral das pesquisas funcionalistas, em suas distintas versões, é o foco no uso, nos padrões interacionais forjados no trato social, acordados e fixados entre os membros da comunidade linguística. A concepção de língua assumida por esse viés teórico tem a marca da gradiência e da variabilidade, como postulado por Bybee (2010), que a compara às dunas de areia, cuja regularidade é aparente, em termos de formato e estrutura. Nesse sentido, em termos pancrônicos, convivem em cada sincronia de uma língua usos mais estabilizados, outros em variação competitiva e outros, ainda, em processo de mudança.

Motivada por tal concepção, uma das perguntas de pesquisa mais caras aos funcionalistas é justamente como se dá a mudança linguística. De que forma, nos rituais interativos, padrões de uso vão sendo alterados, via neoanálises<sup>6</sup>, em termos metafóricos ou metonímicos, chegando, por vezes, à efetivação da mudança categorial. Em nosso caso específico, nos indagamos de que modo, a partir de itens lexicais, como o verbo *ver*, articulados em contextos mais referenciais, foi processada a convencionalização de novos membros da classe dos MDVV no português. Para responder à indagação, subdividimos esta seção a partir de dois caminhos interpretativos distintos e complementares: a) a versão funcionalista clássica, por intermédio da gramaticalização; b) a versão funcionalista mais recente, a LFCU, a partir dos pressupostos da abordagem construcional da gramática.

<sup>5</sup> A seleção desses três constituintes para coleta deveu-se à análise piloto, que detectou serem os mais produtivos nos usos em análise.

<sup>6</sup> Como Traugott e Trousdale (2013), adotamos *neoanálise* no lugar do termo clássico *reanálise*, no entendimento de que cada reelaboração, em termos semânticos ou sintáticos de um modo de dizer é, de fato, uma inaugural análise, um novo micropasso interpretativo.



## 2.1 Gramaticalização

Uma das linhas de investigação mais tradicionais do Funcionalismo de vertente norte-americana, a gramaticalização é uma via explicativa clássica da mudança unidirecional nas línguas. Nos termos de Hopper e Traugott (2003), essa via refere-se aos “estudos de mudança linguística relacionados às questões de como itens lexicais e construções, em certos contextos linguísticos, assumem funções gramaticais ou como itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais”<sup>7</sup> (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 1, tradução nossa).

Pela gramaticalização, categorias mudam, migrando do léxico para a gramática ou ainda do menos para o mais gramatical. Esse processo impacta e altera paradigmas gramaticais, em termos de sua configuração e expansão. Via gramaticalização, as unidades da língua podem ser agrupadas em duas grandes classes, conforme Heine et al. (2016): formas lexicais, na expressão de significados mais plenos, e unidades gramaticais, menos referenciais e mais dependentes.

Conforme a concepção funcionalista, a gramaticalização é motivada por contextos de uso, por pressões de propriedades emanadas desses ambientes discursivos, uma vez que re-interpretações não se dão em termos de itens específicos, mas sim atingem sequências mais amplas. Nesse sentido, Diewald e Smirnova (2012) elaboram uma proposta de taxonomia contextual capaz de dar conta das neónalises que conduzem à gramaticalização, como sumariada a seguir:

**FIGURA 1.** Cline contextual de gramaticalização



Fonte: Produzido pelas autoras, a partir de Diewald e Smirnova (2012)

Conforme Diewald e Smirnova (2012), o primeiro estágio, considerado *normal*, é aquele mais referencial, em que constituintes cumprem funções no nível lexical. Levando em conta nossos objetos de pesquisa, esse estágio corresponde a contextos em que *ver* é, efetivamente, um

<sup>7</sup> No original: “grammaticalization refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions.”

verbo utilizado na referência a exercer o sentido da visão sobre um ser definido e concreto, enquanto *lá, só e bem* atuam como advérbio. Já o estágio 1, contexto *atípico*, diz respeito ao início da mudança linguística, via inferências geradoras de ambiguidade no nível do sentido, como metaforização; nesse estágio, ocorrem abstrações que motivam polissemia. No caso dos MD formados por *ver*, o estágio 1 corresponde a contextos nos quais o sentido verbal é interpretado metaforicamente, como *observar, notar, advertir*, por exemplo. No estágio 2, como contexto crítico, além da opacidade semântico-pragmática detectada anteriormente, ocorre ambiguidade no plano sintático, via metonimização, com certa confusão entre fronteiras categoriais. Tal cenário ambíguo, em termos semântico-sintáticos, é o passo que precede o estágio 3, contexto isolado, no qual se efetiva a gramaticalização, que implica reorganização e diferenciação do novo constituinte em relação àquele que lhe serviu de fonte. Uma vez forjada a mudança, tem-se o estágio 4, em que ocorre a paradigmáticação, com a inserção do novo constituinte em paradigma da língua.

## 2.2 Construcionalização gramatical

Na LFCU, ao Funcionalismo clássico de vertente norte-americana é incorporada a abordagem construcional da gramática, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. Assim, a língua passa a ser vista como uma rede organizada de construções, ou seja, de pareamentos convencionalizados de função e forma, de acordo com Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), entre outros.

Em termos de nossos objetos de pesquisa, classificamos  $[\text{Ver}(X_{\text{afixoid}})]_{\text{MDVV}}$ , de acordo com Traugott e Trousdale (2013), como: a) procedural, devido à função pragmática cumprida pela classe dos MD; b) parcialmente esquemática, por conta de somente um *slot* aberto; c) semi-complexa, porque pode ou não ser preenchido o *slot* X. Em termos hierárquicos, a construção  $[\text{Ver}(X_{\text{afixoid}})]_{\text{MDVV}}$  situada em nível mais alto, distribui-se por intermédio de microconstruções, como *types* específicos, do tipo [vê], [vejamos], [veja bem] e [vê lá], entre outros.

Na pesquisa da mudança linguística em LFCU, dois conceitos são muito caros. Um deles, reelaborado por Traugott (2021), é o de *construcionalização*, concebido como “o estabelecimento de uma nova associação simbólica de forma e função replicada por uma rede de usuários da língua”<sup>8</sup>. A construcionalização pode ser de tipo lexical ou gramatical, englobando nesta segunda categoria pareamentos de sentido procedural, mais abstratos, intersubjetivos, incluindo-se aí os pragmáticos, a exemplo da construção  $[\text{Ver}(X_{\text{afixoid}})]_{\text{MDVV}}$ , Traugott (2021) propõe, de outra parte, que mudanças construcionais sejam tomadas como “modulações dos usos contextuais anteriores e posteriores à construcionalização”<sup>9</sup>. Nessa formulação, destaca-se o aspecto processual da mudança construcional, enfatizando-se os contextos pré e pós-construcionalização, com a fixação do seguinte *cline*:

<sup>8</sup> No original: “Constructionalization is the establishment of a new symbolic association of form and meaning which has been replicated across a network of language users.”

<sup>9</sup> No original: “Constructional changes are modulations of contextual uses prior to and following constructionalization.”



FIGURA 2. *Cline construcional*

Fonte: Produzido pelas autoras, a partir de Traugott (2021)

Nesse sentido, a pesquisa da mudança passa a ser praticada com o objetivo de que se detectem mudanças pré-construcionais, como modulações ao nível da função ou da forma que podem motivar construcionalização. A partir daí, mudanças pós-construcionalização também são pesquisadas, como expansão da classe hospedeira<sup>10</sup>, nos termos de Himmelmann (2004), responsável pela ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, via analogização<sup>11</sup>.

A construcionalização gramatical, no contexto da LFCU, portanto, tem estreita relação com a gramaticalização, esta vinculada ao Funcionalismo clássico. Ambas as perspectivas assumem que a mudança ocorre em *clines*, a partir de contextos de uso específicos, envolvendo neonálises, como micropassos, ao nível da função (metaforização) e ao nível da forma (metonimização), como destacado em Traugott (2021). Assim sendo, conforme demonstrado também em Rosa (2019) e Sambrana (2021), é possível a adoção da taxonomia de Diewald e Smirnova (2012), elaborada originalmente para a pesquisa da gramaticalização, na investigação das mudanças construcionais que conduzem à construcionalização gramatical, no nosso caso específico, à convencionalização  $[Ver (X_{afixoide})]_{MDVV}$

### 3. *Cline contextual rumo ao MDVV e à $[Ver (X_{afixoide})]_{MDVV}$*

Diacronicamente, com base nos dados levantados nos *corpora* por nós investigados, os MD formados com base no verbo *ver*, ou num viés construcional, a  $[Ver (X_{afixoide})]_{MDVV}$ , surgem no português no século XVII, a partir de neonálises detectadas a partir do século XVI. Como processo de mudança gramatical ou construcional que se estende até os dias atuais, nessa trajetória histórica, há a criação de *types* mais leves, como [veja], [vê], [vejamos], [vejam] e [viu], que caracterizamos, segundo Traugott e Trousdale (2013), como microconstruções atômicas. Há ainda microconstruções mais complexas, em que o *slot X* é preenchido, como em [vê lá], [veja lá], [vê só] [veja só], [vejam só], [vê bem], [veja bem] e [vejam bem].

Podemos atestar as mudanças contextuais envolvidas como graduais. Nesse processo, um contexto mais avançado decorre do desenvolvimento de contexto anterior, como demonstramos a seguir:

<sup>10</sup> Nossa tradução do termo *host-class*, usado pelo autor e muito difundido na literatura da área.

<sup>11</sup> Segundo Bybee (2010), trata-se de um processo cognitivo de domínio geral segundo o qual novos dizeres são forjados a partir de esquemas já existentes, como verbos em *-ar* e advérbios em *-mente*.

- (3) O Joalheiro - Ora veja! Valentina - Vem aqui tentar-me, aposto! O Joalheiro - Não tentei nunca, nem gosto de tentar quem quer que seja. (Entregando a jóia a Valentina que a examina) Venho mostrar-lhes uns brilhantes como os Farâni não os tem; Se os quer comprar, muito bem! Se os não quer, passo adiante. Não tento... não sei tentar... Apenas lhos ofereço... Nem sequer os encareço... Isto é pegar, ou largar! *Veja bem que são granditos!* Sem jaça... veja... sem jaça... Examine... veja... faça O que quiser. Valentina - São bonitos! (Corpus do Português, A joia, Artur Azevedo, XIX)
- (4) A pobre criatura doente, e ele sem querer que ela recebesse as cartas que o irmão lhe escrevia, nem lhe deixar saber notícias dele. Eu, um dia, dei com o fidalgo no corredor e disse-lhe: « ó Sr. D. Luís, olhe que V. Ex.a anda a fazer com que se rale de remorsos toda a sua vida, por deixar morrer a senhora assim a estalar de saudades e aflições. *Veja bem V. Exa. que estas coisas pagam-se*». Foi mesmo assim. E cuidas lá que ele se enfureceu? Qual! Calou-se muito caladinho, e daí por diante a senhora teve notícias amiudadas, e até o jardineiro mais tarde foi para casa e ainda lá está. (Corpus do Português, Os fidalgos da casa mourisca, Júlio Dinis, XIX)

Tomando os fragmentos (3) e (4) como estágios graduais de mudança, nos termos de Die-wald e Smirnova (2012) e Traugott e Trousdale (2013), rotulamos os micropassos apresentados como contexto atípico e contexto crítico, respectivamente. Trata-se de alterações que podem ser interpretadas no *cline* da gramaticalização para MDVV, ou, ainda, como mudanças pré-construcionais que culminam na construcionalização dos MDVV.

Assim, em (3), o uso polissêmico de *veja* articula sentido de *confira* ou *avalie*, numa sequência dialógica marcada pelo tom persuasivo e pela intersubjetividade. De acordo com Sambrana (2021, p. 134), “com a polissemia atribuída ao verbo, o modificador *bem* assume papel intensificador”. Nesse sentido, *veja bem* junto a outras estratégias contextuais, como frases exclamativas e imperativas, concorre para a persuasão instaurada.

Em etapa mais avançada de mudança linguística, classificamos o fragmento (4) como contexto crítico, devido à ambiguidade múltipla que aí detectamos. De acordo com Sambrana (2021, p. 136-137):

O uso de *veja bem* carrega ambiguidades entre sentido ora mais lexical ora mais gramatical. Como mais lexical, *veja bem* pode ser interpretado como um pedido de lembrança da situação. Como mais gramatical, corresponde ao sentido de ‘esteja atento’. Assim, *veja* e *bem* podem ser interpretados como uma requisição maior de atenção para, em seguida, emitir o aviso *que essas coisas pagam-se*. Como resultado dessa leitura mais gramatical, observamos desvinculação de *veja bem* das outras partes da construção.

Por fim, em (5), ilustramos o contexto isolado em que se constata o uso de *veja bem* como novo membro da classe dos MD, ou, em outros termos, de instância da [Ver (X<sub>afixoide</sub>)]<sub>MDVV</sub>:

- (5) Henrique - Mas tu falas com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões. Rosinha – O senhor ama-me muito? Henrique – Ainda o duvidas? Rosinha

– É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir? Henrique – O que pedirás tu que eu não deva fazer? Rosinha – *Veja bem*; promete? Henrique – Prometo e até juro. Rosinha - Eu queria ir para a Corte. Henrique – E que dúvida há nisto? Pensas porventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? (Corpus do Português, Como se fazia um deputado, Joaquim José da França Júnior, XIX)

Em fragmento marcado pelo tom dialógico e intersubjetivo, contatamos, em (5), a função MD de *veja bem*, que pode ser interpretada como etapa final de gramaticalização ou como construcionalização. Conforme Sambrana (2021, p. 178), nesse dado,

o uso de *veja bem* marca um contrato de compromisso entre os interlocutores, ratificado pela sentença interrogativa *promete?* O MD *veja bem* conduz o ouvinte no processo de negociação de significados de tal forma que essa negociação não pode ser desfeita.

Apresentados os contextos de uso em termos qualitativos, trazemos na sequência nosso levantamento quantitativo geral, organizado por contextos de mudança em cada sincronia, tal como ilustramos nesta seção. A apresentação dos 4.732 dados é feita sob forma de tabela comparativa, a partir dos 13 *types* levantados nas fontes pesquisadas, a saber: *vê*, *veja*, *vejam*, *vejamos*, *viu*, *vê lá*, *veja lá*, *vê só*, *veja só*, *vejam só*, *vê bem* e *vejam bem*:

**TABELA 1.** Frequência *token* por contextos de mudança na formação de [Ver (X<sub>afixoide</sub>)]<sub>MDW</sub>

Sincronias		TYPES												
		vê	veja	vejam	vejamos	viu	vê lá	veja lá	vê só	veja só	vejam só	vê bem	veja bem	vejam bem
XVI	fonte	66	37	18	10	56						1		
	atípico	134	93	23	39	178	1	3				8		
	crítico	11	9	3	4							2		
	isolado													
XVII	fonte	17	8	3	2	36								
	atípico	91	112	14	29	92		1				9		1
	crítico	18	4	1	4			1					1	
	isolado							1						
XVIII	fonte	35	14	8	6	31						3	2	
	atípico	93	88	16	53	59		2				2	1	1
	crítico	18	6		2			2				1	1	
	isolado	2						1						

(continua)

(continuação)

Sincronias		TYPES												
		vê	veja	vejam	vejamos	viu	vê lá	veja lá	vê só	veja só	vejam só	vê bem	veja bem	vejam bem
XIX	fonte	19	33	12	5	94	4	3	3	3	1	3	1	1
	atípico	172	166	115	94	148	26	21	1	3	5	9	6	1
	crítico	25	30	21	23	7	24	19		6	8	3	5	
	isolado	6	18	7	16		15	18		5	10	6	10	1
XX	fonte	41	34	28	12	83	3	11	1	7	2	4		
	atípico	268	193	71	98	191	25	35	7	18	9	3	6	5
	crítico	57	48	32	20	33	23	14	2	8	7	1	12	3
	isolado	11	32	5	5	320	19	25	3	25	8	5	49	10
TOTAL		1.064	925	377	422	1.328	144	153	17	75	50	60	94	23

Fonte: Produzido pelas autoras

Na Tabela 1, observamos que, em toda sincronia em que um MDVV se forma, isto é, em que o contexto isolado é captado, conseqüentemente, na sincronia anterior, o contexto crítico é registrado. Dessa forma, concordamos com Diewald e Smirnova (2012), Rosa (2019) e Sambrana (2021), quando as autoras apontam a importância do estágio de criticidade, ou seja, da fase de opacidade ou ambigüidade múltipla para a captação de neónalises, como micropassos históricos, e a conseqüente efetivação da gramaticalização ou da construcionalização gramatical.

Das cinco sincronias pesquisadas, do século XVI ao século XX, a gramaticalização dos MDVV ou a construcionalização gramatical  $[Ver (X_{afixoides})]_{MDVV}$  se verifica inicialmente no século XVII, com o levantamento da seguinte ocorrência do MD *veja lá*:

- (6) Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa: e lá vaõ comendo todos do bacalhão por essas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que não falte no pezo: recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ardido, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados não o aceitaõ, nem os caens o comem. E se algum não tiver isto por factivel, *veja lá* não lhe provêm, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade: no Concelho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras são necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. (Corpus Tycho Brahe, A arte de furtar, Manuel da Costa, 1645, XVII)

De acordo com nossos dados, consideramos a instância de uso destacada em (6) como o contexto em que o MD se convencionaliza, ou, na perspectiva da LFCU, em que se inaugura o subesquema  $[Ver (X_{afixoides})]_{MDVV}$ . Nesse fragmento, *veja lá*, em alto nível de vinculação semânti-

co-sintática, atua como um todo de forma e sentido no chamamento de atenção do interlocutor, em maior autonomia sintática e no cumprimento de função metatextual.

No século XVIII, são levantadas duas instâncias de uso do MD *vê* e uma de *vê lá*. Do século XIX em diante, cresce a produtividade de *tokens* e *types*: trata-se de 112 dados no século XIX e 517 no século XX. Conforme Traugott e Trousdale (2013), constatamos que neoanálises de distinta natureza coocorrem na convencionalização desses constituintes que passam a integrar, como novos membros, a classe dos MD do português, formando uma subcategoria, cuja função é manipular a interação através de sentidos espaciais abstratizados no cumprimento de funções procedurais.

#### 4. Gramaticalização e construcionalização gramatical

Nesta seção, tratamos de duas perspectivas de análise funcionalista como pressupostos teóricos para a investigação de um processo único, o surgimento de MDVV na trajetória do português. Nessa proposta de compatibilização, rastreamos a atuação de duas abordagens funcionalistas, para a análise da convencionalização de um novo conjunto de membros paradigmáticos da língua. Assim orientados, voltamo-nos para o tratamento coordenado da gramaticalização e da construcionalização na criação de novos constituintes gramaticais.

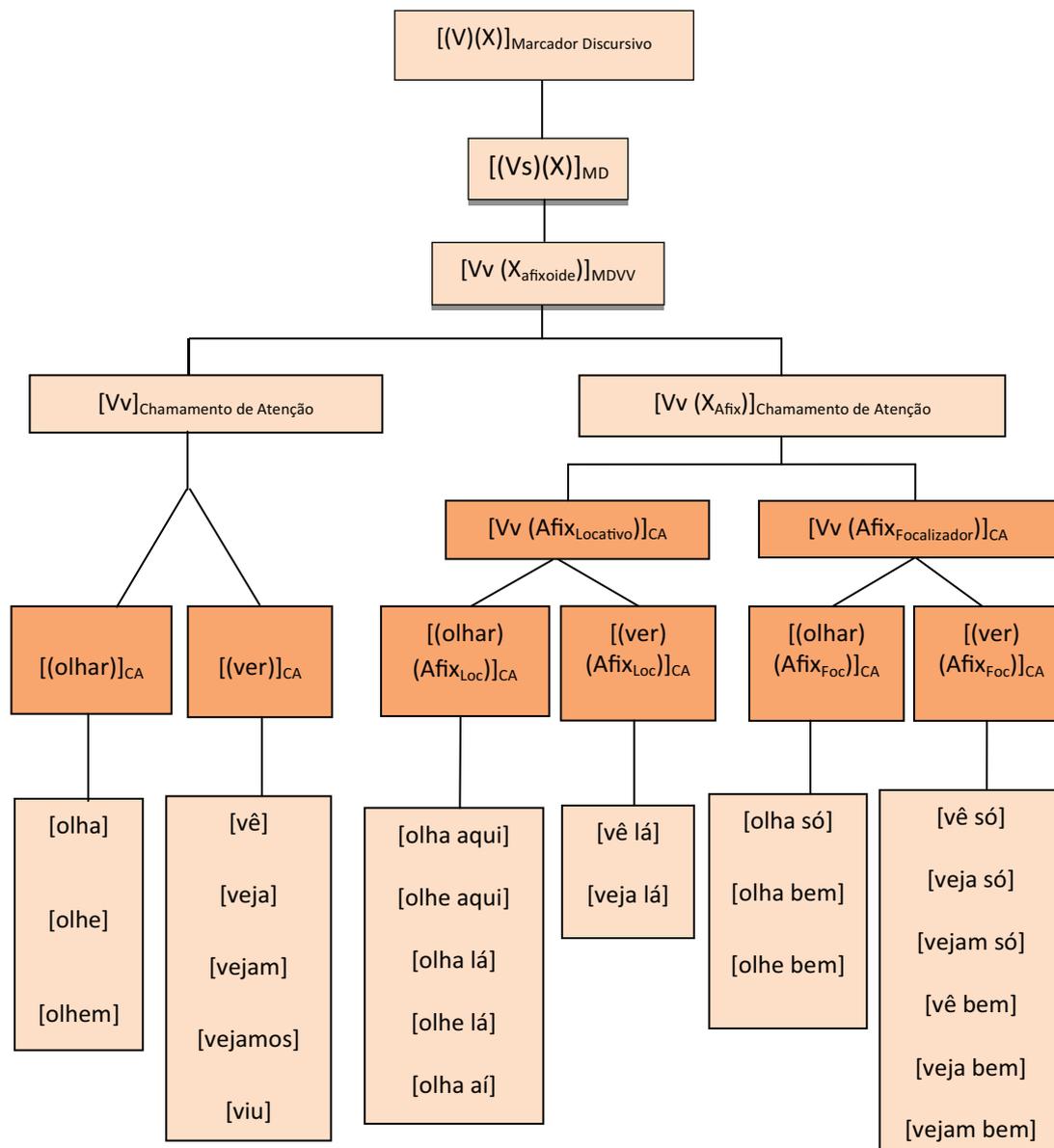
Conforme demonstram Heine et al. (2016), o sentido mais gramatical, tanto contemplado na abordagem da gramaticalização quanto na da construcionalização gramatical, é dependente dos contextos de uso. Tal pressuposto é compartilhado por Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros. Dessa forma, a noção de mudança semântico-sintática deflagrada em determinado contexto de produção continua sendo o centro das pesquisas em Funcionalismo, como assumido por Rosário e Oliveira (2021). Assim orientados, podemos dizer que os estágios de mudança cumpridos pelos 13 *types* destacados na Tabela 1 (atípico e crítico) constituem micropassos rumo à convencionalização (estágio isolado) de novos itens da gramática. Cada micropasso pode ser tomado como processo rumo à gramaticalização dos MDVV ou como mudanças pré-construcionais que levam à convencionalização [Ver ( $X_{\text{afixoide}}$ )<sub>MDVV</sub>].

Uma das distinções entre gramaticalização e construcionalização é o estabelecimento do sentido mais gramatical e o *ranking* de produtividade. Para Heine et al. (2016), o escopo da gramaticalização considera mudanças de itens específicos de um estágio A para o estágio B, com foco no *cline*  $A > A/B > B$  e seu ponto de chegada, na formação de um novo item gramatical. Assim, por exemplo, na Tabela 1, interessa à gramaticalização cada estágio contextual que conduz cada um dos 13 *types* levantados à formação de MDVV.

De outra parte, na perspectiva da mudança construcional assumida pela LFCU, conforme Traugott e Trousdale (2013), todas as alterações, sejam de ordem semântica ou sintática, são consideradas mudanças pré-construcionais relevantes, pesquisadas independentemente de que se atinja ou não a construcionalização. O foco se volta também para o surgimento de construções e sua inserção na rede linguística, em relação a outras formações similares, sob viés vertical, horizontal ou transversal. E o ponto de chegada, havendo a construcionalização, é a elaboração

da rede construcional, como faz Sambrana (2021), em relação a  $[Ver(X_{afixoide})]_{MDVV}$  e sua inserção no esquema maior  $[V_{visual}(X_{afixoide})]_{MDVV}$ :

FIGURA 3. Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção  $[V_{visual}(X_{afixoide})]_{MDVV}$



Fonte: SAMBRANA (2021, p. 150)

Como podemos observar na Figura 3, nossos objetos de pesquisa se inserem no esquema maior formador dos MD. Dentro desse grupo, situam-se no conjunto daqueles integrados por verbos de sentido sensorial (VS) e, mais especificamente ainda, no subconjunto dos verbos visuais (VV), subdivididos entre microconstruções específicas, como [vê] e [viu], e microconstruções complexas, com preenchimento do slot  $X_{afixoide}$ , como [veja só] e [vê lá]. Devemos destacar que a formalização apresentada na Figura 3, numa abordagem funcionalista tal como a praticada na LFCU, é consequente de análise qualitativa e quantitativa de contextos de uso linguístico, tomados como o lócus de instanciação construcional. Em outras palavras, nessa perspectiva

analítica, a configuração de rede é ponto de chegada na pesquisa da mudança linguística, e não considerada pressuposto ou hipótese de trabalho.

Na gramaticalização, diferentes graus de produtividade se relacionam a diferentes constituintes gramaticais alvo (HEINE; NARROG; LONG, 2016, p. 155). Em oposição, no âmbito da construcionalização, diferenças em produtividade indicam micropassos que apontam para a mesma construção alvo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Na linha construcional adotada pela LFCU, esses diferentes graus de produtividade se relacionam entre si e correspondem a diferentes graus de esquematicidade, criando-se uma rede taxionômica de *links* compartilhados por construções, conforme ilustrado na Figura 3, no destaque para as noções de esquema e subesquemas, concepções herdadas da gramática de construções (CROFT, 2001) e assumidas pela LFCU. Dessa forma, constatamos que a construcionalização prioriza os efeitos da perda de composicionalidade na busca pelo sentido mais gramatical, enquanto a gramaticalização prioriza a inserção de constituintes em um *cline* do menos para o mais gramatical.

Em termos da compatibilização aqui proposta, Traugott (2021) compara a abordagem da gramaticalização com a da construcionalização e estabelece que gramaticalização mantém seu foco nos mecanismos de neoanálise e unidirecionalidade, procurando explicar como o sentido gramatical surge e que mecanismos estão aí envolvidos. Por sua vez, construcionalização se volta precipuamente para analogização e diversificação dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, dando conta de como construções surgem e de quais mecanismos estão aí envolvidos. Dessa forma, percebemos que a distinção maior entre o trabalho de gramaticalização e o de construcionalização não consiste nas etapas da mudança investigadas, mas nos objetivos delineados para a pesquisa. Sendo assim, Traugott (2021) teoriza que, “havendo sobreposição de dados investigados, gramaticalização e construcionalização se completam e se enriquecem”<sup>12</sup>.

Como contraponto à concepção clássica da unidirecionalidade nos estudos de gramaticalização, a abordagem construcional da LFCU privilegia a direcionalidade da trajetória de mudança, assumindo, assim, perspectiva radial para construcionalização. Levando em conta que a direcionalidade prevê a unidirecionalidade também, principalmente na perspectiva da construcionalização gramatical, podemos considerar que o *cline* contextual de mudança linguística que leva à formação dos MDVV aqui pesquisados contempla ambas as perspectivas funcionalistas.

## 5. Considerações finais

Demonstramos aqui que a trajetória de mudança que leva à formação dos MDVV do português pode ser interpretada à luz de dois pressupostos teóricos funcionalistas: a gramaticalização, em viés clássico, e a abordagem construcional, no âmbito da LFCU. Resguardadas suas especificidades, ambos os pressupostos privilegiam os contextos de uso linguístico

<sup>12</sup> No original: “Where there is overlap in the data investigated, the perspective complement and enrich each other.”

como lócus de possíveis neónalises que, como micropassos, motivam ambiguidades semântico-pragmáticas e estruturais desencadeadoras de MDVV. Tal foco analítico aproxima os dois pressupostos, permitindo que possam, complementarmente, ser adotados para a pesquisa dos MDVV.

Apontamos que, na trajetória do português, há uma rota de mudança linguística que culmina na formação de MDVV. Tal rota pode ser interpretada como: a) processo clássico de gramaticalização, no caminho unidirecional do menos para o mais gramatical; b) mudanças pré--construcionais que conduzem à construcionalização gramatical [Ver ( $X_{\text{afixóide}}$ )]<sub>MDVV</sub>. Em ambas as perspectivas, como assumem Heine et al. (2016), a mudança decorre de aumento na frequência de uso e na esquematicidade, bem como de pressões analógicas. Os MDVV se constituem, em contraste com as formas de que se originam (V e  $X_{\text{afixóide}}$ ), como formações mais intersubjetivas, abstratas e pragmáticas, cumprindo funções metatextuais na orientação da interação, conforme destaca Sambrana (2021).

Diante dos resultados apresentados, consideramos que se abre um caminho promissor no âmbito da pesquisa da mudança linguística em viés funcionalista, que muito poderá enriquecer a descrição e a análise desse processo. De um lado, temos o legado dos estudos sobre gramaticalização, com uma ampla gama de resultados relevantes, incluindo-se pesquisas sobre tipologia linguística; de outro, abre-se agora, via LFCU, a possibilidade de tratar a mudança como construcionalização gramatical, concorrendo para a detecção mais apurada da relação função x forma nos novos pareamentos convencionalizados na gramática.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Mariângela Rios de Oliveira ficou responsável pela organização geral do artigo, bem como por sua redação final, colaborando também na análise dos dados, interpretação dos resultados e na obtenção de financiamento para a pesquisa.

Vânia Rosana Matos Sambrana atuou na coleta, classificação e análise dos dados, na seleção e organização dos procedimentos metodológicos, na análise de dados e seus resultados, revisando ainda a redação final do texto.

## FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – bolsa 1B da autora Mariângela Rios de Oliveira.

Processo 302644/2021-0: Projeto *Construções marcadoras discursivas do português: contextos de emergência, convencionalização e instanciação*.

Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – bolsa *Cientista do Nosso Estado*, da autora Mariângela Rios de Oliveira.

Processo: E-26/202.646/2019: Projeto *Língua Portuguesa em perspectiva construcional: categorias gramaticais e conexão de orações*.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF (<http://deg.uff.br/>), que, em reuniões acadêmicas, contribuíram com suas críticas e sugestões às pesquisas que derivaram no presente artigo.

## REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- Corpus D&G**. Disponível em: <http://deg.uff.br/corpus-dg/> Acesso em: 20/01/2019.
- Corpus NURC**. Disponível em: <https://nurcrj.letas.ufrj.br/> Acesso em 20/06/2019.
- Corpus PEUL/RJ**. Disponível em: <https://peul.letas.ufrj.br/>. Acesso em 25/06/2019.
- Corpus Vercial/Linguatca**. (1998-2008). Disponível em: <https://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=VERCIAL>. Acesso em 20/07/2019.
- CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Linguística**. Volume especial, p. 83-101, dez. 2016.
- DAVIES, Mark. **O corpus do português**. (2004-2005; 2015-2017; 2012-2019). Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Acesso em: 25/07/2019.
- DIEWALD, Gabriele. Paradigms lost – paradigms regained: paradigms as hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, ELENA. **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 277-314.
- DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, Kristin *et al.* (ed). **Grammaticalization and language change – new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org). **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo Leal de; and FARIA, Pablo (2017, December). **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>>. Acesso em: 30/07/2019.
- GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.



- GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HEINE, Bernd; NARROG, Heiko; LONG, Haiping. Constructional change vs grammaticalization. **Studies in Language**, v. 40:1, p. 137-175, 2016.
- HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, June, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de Jun. 2019.
- HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Byörn (ed). **What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.21-42.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed). **Approaches to grammaticalization**. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.
- HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- MARTELOTTA, Mário. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (org). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.
- ROSA, Flávia Saboya. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional**. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa.; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Linguística funcional: *quo vadis?* In: BISPO, Edvaldo et al (org). **Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha**. Natal: Edufrn, 2021. p. 384-429.
- SAMBRANA, Vania Rosana Mattos. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português**. 178 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **A constructional perspective on language change**. Brasil: ABRALIN EAD. Disponível em: <ead.abralin.org>. Acesso em: 11 de março de 2021.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

